



BREVES  
VIDA CRISTÃ

# Os outros são nossos

A correção fraterna



Diego Zalbidea e Andrés Cárdenas M.

# OS OUTROS SÃO NOSSOS

*[www.opusdei.org](http://www.opusdei.org)*

# Índice

— Os outros são nossos (1)

— Os outros são nossos (2)

## Os outros são nossos (1)

Jesus volta a Cafarnaum e, assim que entra na cidade, aproxima-se dele um centurião. A cena surpreende os circunstantes porque não era habitual que um membro do exército romano se dirigisse com tanto respeito e consideração a um judeu: “Senhor, meu servo está em casa, de cama, parálítico, e sofre muito” (Mt 8, 6). O soldado, embora fosse um homem habituado a ter controle sobre o seu ambiente, sabe que há muitas áreas da vida sobre as quais não pode exercer domínio. Embora o seu trabalho seja estabelecer alguma ordem, sabe que há muitas coisas importantes que estão fora da sua alçada. Não duvida, por isso, em pedir ajuda. Jesus, que conhece as suas disposições interiores, nem sequer espera que ele faça o pedido: “Eu irei e o curarei” (Mt 8, 7). Santo Agostinho, ao comentar esta passagem do Evangelho, diz que “a humildade foi a porta por onde Jesus entrou para tomar posse daquilo que já possuía”[1].

### **Uma família implicada na luta**

O Senhor fica comovido com o fato de o chefe romano, apesar do seu poder e de suas insígnias, reconhecer que ajudar o criado a quem tanto considera, não está ao alcance das suas forças. O centurião manifesta publicamente que não é capaz de conseguir tudo. Esta atitude de considerar-se necessitado é, de alguma forma, parte de todo caminho de santidade: reconhecemo-nos fracos, sabendo que Deus é o protagonista principal e que, para realizar a sua obra, conta com a colaboração das pessoas que colocou em nosso caminho. Como acontece com aquele criado, as nossas feridas também esperam ser curadas e as nossas dores esperam os cuidados de outro. “Esta solidariedade fraterna não é uma figura retórica, um modo de dizer, mas parte integrante da comunhão entre os cristãos. Se as vivemos, somos no mundo sinal, ‘sacramento’ do amor de Deus (...). É uma comunhão que nos torna capazes de entrar na alegria e no sofrimento do próximo para os tornar sinceramente nossos”[2].

Na Santa Missa, por exemplo, reconhecemos esta realidade e pedimos a toda a Igreja que reze por nós: “Confesso a Deus todo poderoso e a vós irmãos e irmãs, que pequei (...) E peço (...) a vós, irmãos e irmãs, que rogueis por mim a Deus, Nosso Senhor”[3]. Não se trata, na verdade, de nada extraordinário, porque todos nascemos dependendo dos outros. Não viemos ao mundo por decisão própria, não podemos subsistir sozinhos, nem sequer poderíamos falar sem uma comunidade que nos acolhesse. A necessidade dos outros faz parte da nossa natureza. São João da Cruz diz, por isso, que quem se isola “é como o carvão aceso que está sozinho: irá esfriando mais do que queimando... E o cego que cai não se levantará sozinho; e se levantar, andará provavelmente por onde não convém”[4].

Quando recebemos a colaboração do próximo, colocamo-nos numa situação semelhante à do centurião que pede ajuda ou do servo que é curado. É o que acontece, por exemplo, com a correção fraterna. Este costume evangélico consiste em que outra pessoa, tendo-o considerado na oração com Deus, e também talvez

pedido conselho a outro, oferece-nos uma sugestão para melhorar em algum aspecto concreto da nossa vida (cfr. Mt 18, 16-17). Este auxílio nos dá a segurança de nos sabermos parte de uma família, e que todos são parte da nossa luta. A correção fraterna é, por isso, o contrário da crítica, da murmuração ou da difamação. Enquanto naquelas há julgamento e condenação, na ajuda fraterna há um abraço que acolhe o próximo tal como ele é e o impulsiona rumo ao futuro.

### **A melhor versão de cada um**

O objetivo da conversão permanente que a vida cristã implica não constitui, de certa forma, em nos transformar em pessoas diferentes do que somos, e sim chegar a ser, com a graça de Deus, a melhor versão de nós mesmos. Os santos não foram convidados a despersonalizar-se, mas a modelar as suas próprias características, pessoais e únicas, com o amor de Cristo. São Paulo, por exemplo, depois de converter-se, não foi convidado a diminuir o seu zelo pelas coisas divinas, mas a canalizá-lo para a verdadeira plenitude. Cada um de nós possui características particulares queridas por Deus, tem um passado, viveu num ambiente social concreto, possui um modo de ser singular... Deus não quer destruir tudo isto, e sim divinizá-lo, convertê-lo em instrumento da sua missão. E uma das formas mais importantes de que ele dispõe para transformar-nos pouco a pouco é através das nossas relações, através das pessoas que deixamos entrar em nossa vida e que também são estimuladas por Deus a procurar essa melhor versão de cada um de nós.

Limitaríamos a ação e os planos de Deus se pensássemos que só podemos receber a sua ajuda através da leitura da sua palavra ou dos sacramentos. Sem dúvida, são dois âmbitos privilegiados onde a sua graça nos é transmitida, mas Jesus afirma claramente a importância do que o próximo também pode fazer por nós; muito mais: Cristo é o próximo (cfr Mt 25, 40; Lc 10, 16). A própria encarnação, que permitiu que Jesus transformasse a vida dos seus mais próximos através da amizade, recorda-nos o valor de salvação das relações pessoais, corpo a corpo, com os outros. “Deus muitas vezes se serve de uma amizade autêntica para realizar a sua obra salvadora”[5]. Na história da salvação vemos que Deus sempre atua num povo, numa comunidade, numa família, num grupo de amigos; pensar que a santidade prescinde do que os outros podem fazer por nós pode constituir um sintoma de isolamento, que não será fecundo. Por isso é natural que, num ambiente de amizade, surja a correção fraterna: aí todos estão empenhados em despertar o melhor de cada pessoa, sem se deter em detalhes de pouca importância, mas preocupando-se com esse profundo desejo de santidade que, pouco a pouco, redonda em diferentes manifestações da vida diária.

O Papa nos recordava que “a santificação é um caminho comunitário, de dois em dois (...). Há muitos casais santos, em que cada um foi um instrumento de Cristo para a santificação do cônjuge. Viver ou trabalhar com outros é sem dúvida um caminho de desenvolvimento espiritual. São João da Cruz dizia a um discípulo: vives com outros ‘para que te cultivem e exercitem’ (...). A comunidade que preserva os pequenos detalhes do amor, onde os membros cuidam uns dos outros e constituem um espaço aberto e evangelizador, é lugar da presença do Ressuscitado que a vai santificando segundo o projeto do Pai”[6].

### **Cada ajuda é um presente**

O centurião do evangelho tem consciência de que está pedindo a Jesus um favor. Sabe que se o Senhor decidir entrar em casa de um pagão deverá purificar-se depois, de modo que não exige nem a ida nem o milagre. E é esta atitude que obtém o prodígio de Jesus: o centurião se torna amável para Cristo. Dizemos que uma pessoa é *amável* precisamente quando, embora não exija o carinho, embora não seja uma obrigação entrar em sua casa, ainda assim queremos ter esse detalhe com ela. Ser pessoas amáveis nos insere em uma espécie de estrutura na qual uns colaboram com outros cheios de franqueza. “Ser amável não é um estilo que um cristão possa escolher ou rejeitar (...). O amor amável gera vínculos, cultiva laços, cria novas redes de integração, constrói uma trama social firme. Assim se protege a si mesmo, já que sem sentido de pertença não se pode sustentar uma entrega aos outros”[7].

Algumas formas de melhorar nesta atitude podem ser: não ter vergonha de pedir ajuda, ter disponibilidade para ouvir, dar a conhecer os nossos gostos sem os impor, compartilhar as preocupações e sonhos... O “ambiente de amizade, que cada um está chamado a levar consigo, é o fruto da soma de muitos esforços por tornar a vida agradável para os outros. Ganhar mais afabilidade, alegria, paciência, otimismo, delicadeza e todas as virtudes que tornam a convivência amável é importante para que as pessoas possam se sentir acolhidas e felizes”[8]. Tudo isso gera na pessoa um modo de ser que, embora não seja fácil de descrever com palavras, é fácil de perceber. Quando uma pessoa cultivou a amabilidade é fácil aproximar-se dela, dialogar, ter delicadezas e também dizer-lhe com sinceridade o que pensamos.

É mais fácil ter carinho à pessoa com quem se pode falar abertamente, ainda que as suas fraquezas sejam evidentes ou que tenhamos poucas coisas em comum. Todos temos experiência de que há pessoas para quem é mais fácil sugerir algo. Agradecem isso sempre, seu rosto reflete a paz com que recebem o que dissemos e talvez notemos o impacto que a nossa pequena contribuição teve em suas vidas. Não ficam na defensiva porque percebem que quem tenta ajudar não está *atacando*. Não acham que o seu valor esteja sendo questionado porque o lugar em que surge a correção fraterna é a comunidade cristã, o lar, a família, e aí nos amam pelo que somos, não pelo que fazemos bem ou mal. A dificuldade para nos deixarmos ajudar pode esconder, pelo contrário, uma pretensão de sermos amados como a pessoa que talvez não sejamos. Também é importante por isso alimentar permanentemente o terreno no qual pode surgir essa ajuda: compartilhar o desejo de santidade leva consigo compartilhar muitas outras coisas: aspirações, preocupações e alegrias.

Quem cultiva essa disposição de ser amável, de facilitar a ajuda dos outros, assombra-se também com mais frequência diante do seu carinho e costuma agradecer a obra de misericórdia que é a ajuda ou a correção fraterna. As crianças pequenas ficam surpreendidas porque não consideram garantidos os gestos de amor. Certa vez, São Josemaria confiava aos seus filhos: “Ultimamente estou pedindo mais do que nunca ao Senhor – e o estou pedindo à Virgem Maria – para ser pequeno, fazer-me criança. Na vida humana exterior, fortes e rijos, mas na vida espiritual, pequenos. Assim não teremos soberba quando nos fizerem uma correção. Agradeceremos a ajuda para ser melhores. De outra forma, ficaríamos chateados”[9]. Se vamos nos tornando crianças, eliminaremos as barreiras que nos isolam dos outros; criaremos um ambiente amável no qual é

fácil perceber que uma correção é um presente, uma ajuda gratuita. Com ajuda de Deus ouviremos o que Jesus diz ao centurião e que realiza o milagre da cura do criado: “Vai, seja-te feito conforme a tua fé (Mt 7, 13).

\*\*\*

Desejamos ajudar muitas pessoas e só o conseguiremos se soubermos contar com o apoio dos outros. São Josemaria dizia por isso que cada pessoa, “além de ser ovelha (...), de algum modo é também Bom Pastor”[10]. Para alcançar a cura do seu amigo, o centurião precisou reconhecer a sua necessidade; para ser bom pastor, teve que experimentar ser ovelha. Então será uma realidade o que a Escritura diz: “um irmão ajudado por seu irmão é como uma cidade amuralhada” (Pr 18, 9). Não podemos reduzir a caridade ao que nós fazemos pelos outros já que há também muito amor atrás da aceitação de uma mão amiga. Agradecer a realidade de viver rodeados por pessoas que querem que sejamos a melhor versão de nós mesmos abre-nos à conversão, que é fundamento de santidade. Dizia Santa Teresa de Jesus: “Dada a condição de nossa natureza, é impossível que tenha ânimo para grandes coisas quem não entende que é favorecido por Deus”[11]. E o favor de Deus nos chega também através das relações com as pessoas que nos rodeiam.

*Diego Zalbidea e Andrés Cárdenas M.*

---

[1] Santo Agostinho, *Sermões*, 6, 2.

[2] Francisco, Audiência geral, 6 de novembro de 2013.

[3] Missal Romano, Ato penitencial.

[4] São João da Cruz, *Avisos y sentencias*, 7; 11.

[5] Mons. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 1 de novembro de 2019, n. 5.

[6] Francisco, *Gaudete et exultate*, nn. 141-144.

[7] Francisco, *Amoris Laetitia*, nn. 99-100.

[8] Mons. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 1 de novembro de 2019, n. 9.

[9] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 2-X-1970.

[10] São Josemaria, *Cartas* 25, n. 30.

[11] Santa Teresa de Jesus, *Vida*, 10, 3.

## Os outros são nossos (2)

“Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto da propriedade que Jacó tinha dado a seu filho José” (Jo 5,5). Esta viagem e este momento em particular tinham sido cuidadosamente planejados por Jesus. Queria que a sua sede e a sede da samaritana pudessem se encontrar junto do poço. É um ambiente propício ao dom, tudo ali tem sabor de oferenda: a natureza, o poço, a água... No entanto, Jesus procura um dom maior: quer a alegria e a paz de uma alma escolhida desde a eternidade, embora nos últimos tempos, um tanto fugidia ao coração de Deus.

### A proximidade é o estilo de Deus

São Josemaria dizia que “mais do que em 'dar', a caridade está em 'compreender'”[1], em tomar consciência dos problemas e dificuldades dos outros. Quando procuramos ter esta atitude, as pessoas ou as suas dificuldades não são alheias a nós, mas sim parte de nós mesmos. Cristo não ficou fazendo cálculos de tempo ou oportunidade para ir ao encontro da samaritana. Quem cuida do outro reconhece o dom que cada um é, contempla a imagem de Deus que há nele, a infinidade do amor com que Jesus a ama. Cada um de nós é um dom para os que estão perto, e descobrir isto é o primeiro passo para podermos nos ajudar mutuamente. Jesus reconhece o dom que é a vida da samaritana e por isso lhe pede de beber. Tem sede do seu amor.

O Papa vê a origem desta atitude no fato de Jesus, anos antes, ter querido ser batizado como um de nós, embora não precisasse: Cristo vai ao encontro do outro para o compreender, para o acompanhar, e não o ajuda apenas exteriormente. “No primeiro dia do seu ministério, Jesus oferece-nos assim o Seu *manifesto programático*. Ele diz-nos que não nos salva de cima, com uma decisão soberana ou um ato de força, um decreto, não: salva-nos vindo a nós e assumindo os nossos pecados. É assim que Deus vence o mal do mundo: abaixando-se, e assumindo-o sobre si mesmo. É também o modo como podemos elevar os outros: não os julgando, não lhes dizendo o que fazer, mas estando perto deles, partilhando o amor de Deus. A proximidade é o estilo de Deus para conosco”[2].

O fundador do Opus Dei dizia que “a correção fraterna é parte do olhar de Deus, da Sua providência amorosa”[3]. Quem cuida do seu irmão não julga os outros: procura olhar para eles como Deus olha, e por isso, todos lhe parecem um tesouro, procura guardá-los como algo precioso. “A correção fraterna nasce do carinho. Manifesta que queremos que os outros sejam cada vez mais felizes”[4]. Esta certeza de procurar a sua felicidade envolve-nos na vida deles com o máximo respeito à sua liberdade, porque só assim o amor é verdadeiro. Ajudar um irmão nosso no caminho da santidade tem mais a ver com uma calorosa e paciente noite de vigília, em que se espera a ação de Deus, do que com uma fria supervisão. “Supervisar refere-se mais ao cuidado da doutrina e dos costumes, enquanto velar se refere mais ao cuidado de que haja sal e luz nos corações. Vigiar fala de estar

alerta para o perigo iminente, enquanto velar fala de acompanhar, com paciência, os processos em que o Senhor vai gerindo a salvação do Seu povo”[5].

### **O coração das pessoas importa**

“Quando vocês fizerem uma correção fraterna, devem amar os defeitos dos seus irmãos”[6], dizia também São Josemaria. Cuidar não é só curar uma pequena ferida, mas olhar para a pessoa toda, amá-la no tempo, projetada até ao céu. Neste sentido, é no coração do homem que se forjam as boas ou as más ações, em conjunto (cf. *Mt 15,19*): isso é o que nos interessa de forma especial, mais do que pequenos detalhes que muitas vezes podem ser parte de uma maneira de ser. Quem quer ajudar não fica preso no exterior, não avalia um aspecto isoladamente, mas olha para os acontecimentos à luz desse desejo de santidade do outro, tirando as sandálias, porque está no mais profundo da sua alma (cf. *Ex 3, 5*). Uma correção fraterna exprime, de certa forma, a atitude de quem quer ajudar a descobrir os dons que Deus quer nos dar nas mil e uma batalhas diárias: “Se conhecesses o dom de Deus” (*Jo 4, 10*). Toda a ajuda se deve apresentar assim, como uma lente para descobrir o dom que há em cada luta. Na correção fraterna, devemos ser como alguém que vela ternamente pela santidade do outro, não como alguém que vela pelo cumprimento de “certas atividades-padrão que nos tenhamos imposto como tarefa”[7].

Jesus, por exemplo, não se detém nas questões periféricas da vida da samaritana. Vai ao núcleo da dor dessa alma predileta. Através da conversa, Jesus vai conduzindo-a àquela verdade que já não a envergonha. É por isso que ela regressa à aldeia e conta a todos como se sentiu libertada: “Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Não será ele o Cristo?” (*Jo 4, 29*).

Jesus ensina-nos que o olhar de Deus é integrador. Sabe ascender do aparentemente insignificante até ao espiritual, grande e relevante. É paciente, vê tudo como parte do conjunto de toda uma vida. “Neste nosso mundo impregnado de individualismo, é necessário redescobrir a importância da correção fraterna, para caminharmos juntos para a santidade (...). É um grande serviço ajudar, e deixar-se ajudar, a ler com verdade dentro de si mesmo, para melhorar a própria vida e seguir mais retamente o caminho do Senhor. Há sempre necessidade de um olhar que ama e corrige, que conhece e reconhece, que discerne e perdoa (cf. *Lc 22, 61*), como fez, e faz, Deus com cada um de nós”[8]. Este olhar não se detém apenas em detalhes de pouca importância, não os aumenta, pelo contrário, enche-se de esperança para grandes horizontes e, se for o caso, assim o transmite. Sabe que está cumprindo um desejo expresso de Jesus, por isso tenta fazê-lo como Ele o faria: “vai corrigi-lo, tu e ele a sós! Se ele te ouvir, terás ganho o teu irmão” (*Mt 18, 15*).

Através da correção fraterna, apoiamos um irmão nos seus desejos de santidade concretos e diários. Não é uma correção à totalidade da pessoa, pois Deus é que atua em cada um, mas precisamente o contrário: é uma confirmação de que a santidade é compatível com essa debilidade. Estas palavras de São João Crisóstomo podem ajudar-nos: “O Senhor não diz: Acusem, discutam, procurem vingança, mas sim, corrijam”[9]. Transmitimos aos outros o nosso apreço pela sua luta, reconhecemos os seus sentimentos, apoiamos-os nessa batalha. Com a nossa ajuda, recordamos-lhes que também contamos com a sua. Em cada correção

fraterna, há uma admiração discreta pelo nosso irmão e pelo trabalho da graça na sua alma.

## **Fruto da amizade**

Para criar um contexto em que este apoio seja possível, precisamos ter interesse sincero, proximidade, cuidado real pela vida do outro. Quem presta favores de irmão e conhece os outros em profundidade pode construir uma relação de mútua e verdadeira amizade. A correção fraterna é um fruto natural deste solo cultivado com paciência. Além disso, a empatia é necessária para poder entrar no coração dos outros. Este serviço não se pode realizar a partir de fora, nem de longe. Nos nossos dias, as operações cirúrgicas de grande precisão são realizadas com instrumentos capazes de atuar no interior do doente, sem necessidade de cirurgias invasivas. Poderia dizer-se que um irmão que cuida de outro procura ir delicadamente até ao lugar sagrado que é o coração, sem invadir essa intimidade.

É também indispensável conhecer bem a pessoa que se vai corrigir. Há disposições de temperamento que nos tornam muito diferentes uns dos outros, e que São Josemaria considerava parte central desse “numerador muito diverso”[10] de pessoas, no Opus Dei e na Igreja. Não é justo pensar que essa diversidade de reações só tem a ver com a humildade de quem recebe a correção fraterna, ou com a sua suscetibilidade. Para alguns, as palavras, mesmo as mais delicadas, soam facilmente a reprovção; a esses, Jesus coloca-os diante da sua verdade com suavidade e elogios. Fê-lo, por exemplo, com aquela mulher que Lhe ungiu os pés, em casa de Simão, o fariseu (cf. Lc 7, 36-50). Para outros, funciona ao contrário, se as palavras não são especialmente claras, sentem falta de interesse e de afeto verdadeiros. Marta precisou ouvir duas vezes o seu nome para descobrir que ela também podia escolher a melhor parte, no seu trabalho (cf. Lc 10, 38-42). Tomé precisou da proximidade física do Senhor para voltar a ser o Apóstolo fiel que daria a vida pelo seu Mestre (cf. Jo 20, 26-29). Para o bom ladrão, a emenda chegou sob a forma de um presente inesperado: naquela mesma tarde, ele estaria com Jesus no Paraíso (cf. Lc 23, 39-43). E a samaritana precisou de tempo, de uma conversa calma e tranquila, num lugar isolado: a sós com Jesus. Não há duas pessoas iguais no Evangelho, e também não há duas reações iguais naqueles que nos rodeiam.

“Quando temos alguma coisa que não está bem, ajudam-nos com essa bendita correção fraterna, que requer um carinho muito sobrenatural e muita força, porque às vezes custa-nos muito praticar a correção fraterna. Avisam-nos com lealdade sobre o que não está bem e dão os motivos. Por outro lado, nas tuas costas dizem que és um grande santo, melhor que um pão doce. Não é belo isto, meus filhos? Falamos de lealdade, e isto é lealdade humana. Não mentimos, não afirmamos de outra pessoa que tem excelentes qualidades que lhe faltam, mas jamais toleramos que seja criticada pelas costas. E as coisas desagradáveis dizemos assim, carinhosamente, para que as corrija”[11].

\* \* \*

São Josemaria afirmava com grande convicção, como quem o experimentara na própria pele, tanto de forma passiva como ativa: “Convence-te: quando fazes a correção fraterna, estás ajudando com Jesus Cristo o teu irmão a levar a Cruz;

uma ajuda inteiramente sobrenatural, pois a correção fraterna é precedida, acompanhada e seguida pela tua oração”[12].

Em Caná da Galileia, Maria descobre que o vinho acabou e que isso pode comprometer a alegria dos recém-casados. Como boa observadora que é, ela desencadeia uma *correção materna*. Procura a solução, fala com Jesus, fala aos que estavam servindo. Ajudar desta forma uma irmã ou um irmão significa obter de Cristo o melhor vinho para eles. E isto só se consegue pondo as almas junto d’Ele, falando com Jesus sobre elas, sabendo que quem mais as ama é Aquele que empreendeu a missão de as salvar.

*Diego Zalbidea*

---

[1] 1. São Josemaria, Caminho, n. 463.

[2] Papa Francisco, Ângelus, 10 de janeiro de 2021.

[3] D. Javier Echevarría, Recordações sobre Mons. Escrivá, Editora Quadrante, São Paulo, 2001.

[4] Mons. Fernando Ocáriz, Carta Pastoral, 1 de novembro de 2019, n. 16.

[5] Cardeal Bergoglio [agora: Papa Francisco], 10ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 2 de outubro de 2001.

[6] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 18 de outubro de 1972.

[7] Mons. Fernando Ocáriz, Carta Pastoral, 28 de outubro de 1920, n. 6.

[8] Bento XVI, Mensagem para a Quaresma de 2012, n. 1.

[9] São João Crisóstomo, *Homiliae in Matthaeum*, n. 60, 1.

[10] Há lugar para todos no Opus Dei, razão pela qual São Josemaria escreveu que embora o ‘denominador comum’ seja a busca da santidade, existem “numeradores muito diversos (autonomia), que correspondem às diferentes condições de cada caráter e temperamento, e até mesmo ao caminho diferente por onde Jesus conduzirá as suas almas”. Apontamentos Íntimos, n. 511.

[11] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 21-5-1970.

[12] D. Javier Echevarría, Recordações sobre Mons. Escrivá, Editora Quadrante, São Paulo, 2001.

[Voltar ao índice](#)

[www.opusdei.org](http://www.opusdei.org)